

Vania Bartalini
Universidade de São Paulo



Psicóloga, analista existencial de adultos e casais; especialista em pesquisa qualitativa fenomenológica; especialista em coordenação de grupos psicoterapêuticos. Doutoranda do programa de Pós-Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU/USP), com co-orientação no Instituto de Psicologia/USP.

CV: <http://lattes.cnpq.br/2016796800053562>

E-MAIL: vania.bartalini@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6349-7446>

A paisagem como experiência.
Abordagem qualitativa
fenomenológica e o fenômeno
paisagem

RESUMO: Paisagem tomada como fenômeno a ser compreendido não do ponto de vista morfológico, mas a partir da experiência sensível, é tarefa premente. A captura da rede de sentidos aberta pela experiência da paisagem demanda o desenvolvimento de uma postura particular: a postura de pesquisador que, em contato com o modo como paisagem se dá para o outro - num dado momento, num dado lugar - possa compreender o sentimento que vigora nesse contato. A abordagem qualitativa fenomenológica pode instrumentalizar o pesquisador /paisagista no caminho de aproximação ao fenômeno da paisagem do ponto de vista de quem a vivencia, oxigenando

sua atuação e subsidiando proposições programáticas.

PALAVRAS-CHAVE: PAISAGEM
EXPERIÊNCIA COMPREENSÃO
ABORDAGEM QUALITATIVA
FENOMENOLOGIA

The landscape as experience.
Phenomenological qualitative
approach and the landscape
phenomenon

ABSTRACT: Landscape taken as a phenomenon to be understood not from the morphological point of view, but from the sensitive experience, is a pressing task. The capture of the network of senses opened by the experience of the landscape demands the development of a particular posture: the posture of a researcher who, in contact with the way the landscape is given to the other - at a given moment in a given place - can understand the feeling which is in force in this contact. The phenomenological qualitative approach can instrumentalize the researcher / landscaper in the way of approaching the phenomenon of the landscape from the point of view of those who experience it, oxygenating

its performance and subsidizing programmatic propositions.

KEYWORDS: Landscape
Experience Understanding
Qualitative approach
Phenomenology

A paisagem como experiência. Abordagem qualitativa fenomenológica e o fenômeno paisagem

Vania Bartalini
Universidade de São Paulo

Paisagistas de diferentes matizes teóricas têm se debruçado sobre a questão da paisagem, somando perspectivas que ao longo de tempo vem contribuindo para o aprofundamento do tema. Uma delas é, sem dúvida, a matiz fenomenológica que ganha espaço através de filósofos, geógrafos e paisagistas, interessados em compreender a paisagem não apenas do ponto de vista geográfico e morfológico, mas particularmente como trajetividade humana que permanece ao longo do tempo, compondo modos de ser. É como expressão de modos de ser, ou seja como fenômeno, que a paisagem pode se aproximar da Psicologia Social e particularmente da abordagem qualitativa fenomenológica, somando-se assim a outros saberes no caminho de desvelar a polissemia de sentidos que a compõe.

Na perspectiva fenomenológica paisagem é, fundamentalmente, o traçado que a humanidade desenha sobre a Terra, fruto de

uma relação íntima e indissociável que se constrói diuturnamente. Por se definir como fazer humano, compreendê-la demanda compreender de forma rigorosa “*Como a paisagem se dá*” em vez de somente perguntar “*O que é paisagem*”.

Estudiosos da área (paisagistas, geógrafos, filósofos) têm-se aberto a essas indagações e indicado um rico trajeto a percorrer.

Simmel parte da constatação de que observar os mais diversos objetos que se apresentam à visão – árvores, água, colinas, casas, nuvens, ruas etc – bem como as mais sutis variações da luz, ‘não basta para termos a consciência de ver uma paisagem (Simmel, 1988). Para que haja efetivamente paisagem, continua ele “a consciência deve apreender, além dos elementos, um novo conjunto, uma nova unidade, não ligado aos significados particulares de cada elemento, nem decompostos mecanicamente da sua soma’ (idem). O seu ensaio é justamente uma tentativa de interpretar o processo que engendra esta unidade a que se dá o nome de paisagem (PaisagemTextos 1 -Publicação FAU/USP, 2013).

*O fator essencial para esta unificação é identificado por Simmel como a *Stimmung*, palavra que pode ser aproximadamente traduzida por ‘atmosfera’ ou ‘estado de alma’. (...) ‘a paisagem não reside nem somente no objeto, nem somente no sujeito, mas na interação complexa destes dois termos (PaisagemTextos 1 – Publicação FAU/USP, 2013).*

É no caminho traçado por teóricos de peso como Berque, Simmel, Dardel, entre outros, que se manifesta um promissor veio de aproximação entre abordagem qualitativa fenomenológica e o estudo da paisagem.

Definida como forma de compreensão de modos de ser, a abordagem qualitativa fenomenológica visa a relação pesquisado/

mundo, buscando aproximar-se do que ocorre a partir da experiência sensível, cotidiana, fática. É, portanto, na compreensão da paisagem como modo de ser humano que a abordagem qualitativa fenomenológica pode ser instrumento auxiliar do pesquisador / paisagista, ampliando seu horizonte de compreensão e subsidiando eventuais partidos programáticos. Sua relevância está justificada, na medida em que a finalidade última da atividade do arquiteto paisagista é propositiva - na proposição se concretizam concepções de mundo e caminhos de devir. E como proposições se transformam e se reinventam em conformidade com o contexto e tempo vivido, fica clara a necessidade de compreender tempo /espaço como experiência sensível, que orienta o pensar.

Na atividade projetual, o que décadas atrás era reverenciado como projeção máxima da singularidade estética, política e técnica do arquiteto paisagista, parece ser hoje revisitado à luz de valores particulares ao chamado da temporalidade atual.

Instada pela necessidade contemporânea de maior participação popular, floresce o conceito de cidade como construção coletiva, onde o diálogo e os processos participativos começam a se delinear como caminho possível para a construção de um futuro a curto, médio e longo prazos. Pensar a cidade como lugar de todos e, por isso mesmo expressão de diferenças, convoca o arquiteto paisagista a uma postura desenhada mais à medida da nova ordem, que requer aproximação direta ao experienciador. Para isso, a formação de uma postura própria e adequada de pesquisador se coloca como questão.

Não há dúvida de que levar o arquiteto paisagista ao encontro de seu público, colocando em ação um *modus operandi* diferente do convencional é um grande desafio. A ruptura com o modelo tradicional de conceber paisagem e, como consequência a atividade projetual, se faz ver em muitas dimensões.

Capítulo 17

Hoje, no discurso de profissionais sintonizados com as questões contemporâneas, ecoam expressões como cidadania ativa e direito do cidadão que, sem dúvida, estão referidas aos processos de consulta, cada vez mais usuais e mais relevantes para a construção conjunta. Admitindo-se que se está diante da contingência de buscar novas práticas que tenham o cidadão como foco, passa a ser importante indagar: **O que é consultar e consultar para que?**

Consultar significa pedir opinião a alguém sobre alguma coisa, quer o tema lhe seja próximo, quer não. O significado do termo indica de saída o território acionado: pensamento lógico / articulado, racionalidade, posicionamento e, na prática do arquiteto / paisagista, espelha a intenção de responder assertivamente ao que o outro diz que deseja, pensa, precisa... Isso, na maioria das vezes é tido, inadvertidamente, como o mesmo que **compreender**. Porém, embora tomadas como sinônimo, **consultar não é o mesmo que compreender** – o que não indica que um conceito seja mais legítimo que o outro. Indica sim, que são diferentes e, por mais que possam ser tratados como conceitos “irmãos”, não podem ser confundidos entre si.

Compreender, particularmente do ponto de vista fenomenológico existencial, evoca território particular...Compreender dispara o universo das impressões, daquilo que está aquém das palavras, do que se sente antes de tudo e que apenas depois pode ser “reescrito” e reinterpretado sob a forma de linguagem articulada. Compreender tem a ver com o que se faz presente como sensação, impacto corpóreo, intuição...o que (não por coincidência) dispara o sentimento de paisagem concebida não como espaço físico, mas como atmosfera, uma certa pré-disposição, um sentir impresso no corpo.

Capturar essa dimensão na medida do que é possível ser desvelado, aproximar-se do que acontece com o experienciador nessa

abertura por vezes silenciosa, anterior à análise é a principal busca da abordagem qualitativa fenomenológica.

A apreensão daquilo que se experencia não é tarefa banal; ao contrário, requer escuta peculiar, interessada e acolhedora, que propicie o desvelamento de uma trama de sentidos concernente a ambos (àquele que expressa e àquele que acolhe). Essa relação dialógica define o que se dá entre pesquisador e pesquisado quando, sob a perspectiva fenomenológica, a experiência é ampliada num movimento permanente de investigação e testemunho do vivido como impressão, sensação e sentimento no que se desvela como paisagem.

Na visada fenomenológica a tradicional posição sujeito /objeto cede lugar a uma interação entre sujeitos (pesquisador /pesquisado) que se aproximam e se afastam, se interpelam mutuamente e se avizinham de dimensões humanas por vezes inesperadas.

Tal orientação de “conduta” seria impossível se o pesquisador não se visse implicado no processo – ele também experienciador de paisagem é, pela fala do outro, em contato com sentidos explícitos e implícitos de sua própria experiência. Eis aqui algo de importância fundamental: a constatação de que pesquisador e pesquisado compartilham um mundo que os afeta e os compõem, de modo a ser impossível conduzir-se pela pretensa neutralidade científica como forma de obtenção de resultados.

Na abordagem qualitativa fenomenológica, a formação da postura de pesquisador se dá mediante discussões, reflexões e o fazer prático. Nesse caminhar ocorre a gradativa depuração exigida para a condição de pesquisador: o aprimoramento da escuta ativa e da compreensão interpretativa. Isso faz ver que o desenvolvimento de tal postura requer formação específica para o bom aproveitamento do potencial analítico do ferramental em questão.

MÉTODO ENQUANTO EXPERIÊNCIA DO CAMINHO

Sendo paisagem sinônimo de experiência humana, e sendo experiência humana a tessitura de complexa rede relacional, cabe interpretá-la à luz de sua época, de seu ethos. A necessidade de circunscrever as interpretações às injunções epocais e conferir o devido valor ao mundo sensível, levou muitos pensadores a se debruçaram sobre a questão da episteme das ciências humanas e a urgência de construir rigor necessário para que as humanidades ganhassem respeito e seriedade no meio acadêmico e científico.

Entre os muitos que se dedicaram a essa tarefa destaca-se W. Dilthey, que no século XIX elaborou as condições de possibilidade para o desenvolvimento do conhecimento histórico como ciência rigorosa. Dilthey coloca a perspectiva histórica em foco e defende a separação entre as ciências naturais e humanas, pela simples constatação de que a cada uma cabem objetos de conhecimento distintos.

Nas ciências naturais, os sujeitos com os quais o pensamento articula necessariamente as predições por meio das quais todo conhecimento ocorre são elementos que só são conquistados hipoteticamente por meio de uma decomposição da realidade exterior, de uma destruição e um esfacelamento das coisas. Nas ciências humanas, eles são unidades reais, dadas na experiência interna com os fatos (Dilthey W., 2013).

(...) ao buscarmos produzir um conhecimento causal pleno, somos banidos para o interior de uma nuvem de hipóteses, para as quais não há nenhuma esperança de que se possa comprová-las a partir de atos psíquicos (idem).

Inicia-se então, a pavimentação do caminho que leva ao pensamento fenomenológico como projeto de compreensão do humano, através de sua “morada” constitutiva: o mundo.

A antropologia fenomenológica existencialista dá o quadro de referência...que será investigado pelas ciências humanas empíricas. A compreensão do indivíduo implica a reconstrução do seu mundo, na explicitação dos horizontes implícitos que conferem sentido a seus atos e vivências, no desvelamento do projeto existencial que subjaz a todas as suas ações (Figueiredo L. C., 2014).

A crítica às aporias (Giacóia, 2013), o borramento das fronteiras sujeito /objeto, até sua total dissolução com Martin Heidegger (1988) e a orientação de “voltar às coisas mesmas” (Martins, 2005) rompem paradigmas científicos e instituem um olhar mais abrangente.

A abordagem qualitativa nasce na esteira dessa abrangência de olhar e com a fenomenologia ganha profundidade e rigor:

...pesquisar é perseguir uma interrogação em diferentes perspectivas...a interrogação se comporta como um pano de fundo onde as perguntas do pesquisador encontram solo, fazendo sentido...A interrogação interroga. O que ela interroga? O mundo. Não o mundo em sua generalidade vazia, mas aspectos específicos do mundo que se mostram em suas fisicalidades pragmáticas, teóricas, tecnológicas (Bicudo, 2011).

Essa postura exige do pesquisador estudo permanente e detalhado das questões humanas, reflexão sobre o mundo em que vive, além de requerer permanente atenção à investigação de seu próprio modo de ser no mundo. Para isso, é imprescindível que ele se mantenha aberto ao que se expressa, que esteja sempre

em busca, “rente” ao fenômeno, interpretando-o no contexto em que surge, tendo sempre em vista que a atenção àquilo que se expressa deve ir além de pressupostos. Embora a captura do senso comum seja por demais importante, a abordagem qualitativa fenomenológica busca a desconstrução de conteúdos cristalizados, para evidenciar a rede de percepções advindas do contexto histórico, cultural e pessoal que atravessa toda a percepção humana, toda fala, todo gesto, em qualquer situação. Isso leva a importantes questões metodológicas.

A INTERROGAÇÃO COMO PROCESSO

Mesmo que a discussão sobre método escape ao escopo do presente artigo, é importante notar que é preocupação de longa data, permanecendo como questão também para pensadores como Dilthey, Gadamer, Husserl, Heidegger, Ricouer, que fizeram da discussão metodológica elemento fundamental para questionar o modo de operar da tradição científica e filosófica.

O conceito de “destruição” (referido ao questionamento do método da tradição) foi empregado por Heidegger e é assim descrito por Paulo E. R. A. Evangelista:

Sendo incontornável, não é possível uma suspensão para além ou para fora da tradição. Mas é possível torná-la tema de pesquisa, refletindo cuidadosamente a cada passo. Heidegger nomeia este movimento de ‘destruição’ (Destruktion), que significa “dar fluidez à tradição emperdenida e remover os encobrimentos que dela resultaram (Heidegger, 1927/2012 - in Evangelista, 2016).

Portanto, pesquisar em fenomenologia significa perguntar sistematicamente, interrogar-se a cada etapa, tendo em mente que *Todo perguntar é um buscar. Toda busca tem sua direção prévia a partir do buscado* (Heidegger, in Evangelista, 2015).

Aqui, é preciso observar que à interrogação corresponde uma certa “posição” assumida pelo pesquisador, que não mais se pauta por premissas esquadrinhadas, visto que para interrogar é necessária a tomada de consciência de um “não saber”, que conduz à posição de abertura e reverência ao desconhecido.

O pesquisador é, na verdade, “veículo” da pergunta...

Imprescindível considerar então que, para apreender o que se mostra, é preciso refletir sobre os modos de aproximação, não apenas àquele a quem se pergunta, mas também àquilo que se pergunta.

Indicando Heidegger, Evangelista afirma:

...o modo de acesso ao que se quer investigar não é algo de que se possa lançar mão. Pelo contrário, é o tema mesmo da pesquisa que precisa indicar como pode ser acessado... as coisas elas mesmas determinam seu modo-de-tratamento (Evangelista, 2015).

A interrogação move o processo de pesquisa fenomenológica do começo ao fim. Isso porque pesquisar tem o sentido de perguntar sobre algo que instiga o pesquisador, confronta-o, coloca-o em questão, fazendo assim da indagação um trajeto a ser percorrido de forma aberta, porém rigorosa. Se pesquisar é perguntar sobre o que instiga, é preciso convir que o tema da pesquisa é, inevitavelmente, concernente àquele que pesquisa e associasse-se, no mais da vezes, à inquietações, indagações do próprio pesquisador. Como nos diz Bicudo:

A interrogação é correlata ao interrogado e a quem interroga. Essa complexidade não pode ser ignorada ou menosprezada (Bicudo, 2011).

A manutenção da abertura ao que se mostra é uma das maiores dificuldades e um dos maiores “testes” para quem investiga fenomenologicamente. A visada fenomenológica exige alto grau de flexibilidade e capacidade de suportar incertezas, inconstâncias e paradoxos; essa é a postura a ser desenvolvida para garantir rigor metodológico, na medida em que facilita a expressão verdadeira do que acontece com o pesquisado e a situação que o corresponde.

O processo interrogativo faz caminhar em direção à trama de sentidos que se oferece – e conduzir-se por ele exige preparo e desenvolvimento de um modo de olhar e se relacionar com o que se pesquisa, permitindo o aparecimento do outro, na voz do outro.

A relação pesquisador/ pesquisado/ tema é sempre pautada por uma sucessão de indagações que vão se fazendo no percurso da pesquisa. A direção temática é dada pelo pesquisador que, antes de mais nada, deve estar atento ao modo daquele a quem se dirige, pois o desenho é sempre traçado pelo pesquisado.

No processo importa menos o que perguntar e mais como perguntar e por quê perguntar, num movimento contínuo de desvelamento do “em virtude de que” se orientam as indagações. Nesse sentido, o preparo do pesquisador demanda disposição pessoal, emocional e, em certo sentido, existencial, pois pesquisar fenomenologicamente pede desgarramento do lugar onde se praticam as certezas, para assumir a ignorância e habituar-se à prática da humildade diante do desconhecido.

Há nisso certo desconcerto...a concepção de pesquisa tradicional é tão familiar a todos que ao deparar-se com o modo

de pesquisar fenomenológico não é raro observar no pesquisador uma dose de desconfiança, receio ou descrença. É difícil se deixar levar por um processo que promete incertezas, demanda perguntar-se a si próprio e sinaliza de onde se sai, sem garantir onde se chega. No entanto, como dito anteriormente, essa é a forma rigorosa e precisa de investigação do humano: aproximar-se, por-se a escutar, ser absorvido pelo modo de ser do outro, descrevê-lo e interpretá-lo a partir desse modo, lançando luzes que podem ir além da compreensão desse ou daquele indivíduo em particular.

É importante reforçar que na perspectiva qualitativa fenomenológica não há objeto observado e sujeito observador e sim: *o par fenômeno /percebido*”(Bicudo, 2011). Ainda segundo Bicudo,

“Não há uma separação entre o percebido e a percepção de quem percebe...Nesta perspectiva não se assume uma definição prévia do que será observado na percepção, mas fica-se atento ao que se mostra” (idem).

“*O par fenômeno /percebido*” é modo de aproximação bastante adequado ao estudo do fenômeno da paisagem, quando compreendida como experiência sensível, resultante de uma atmosfera afetiva, que se dá na intersecção “*percebido e percepção de quem percebe*” (idem). Perceber, experienciar, ser afetado se dão sempre segundo o que o mundo permite e abre como possibilidades vivenciais. Portanto, também vale a pena reforçar que historicidade é elemento chave na compreensão do humano e, como decorrência, na compreensão do fenômeno paisagem, no sentido de apreender de que modo se dá, como afeta, o que fala sobre o experienciador...

COMPREENSÃO, CÍRCULO HERMENÊUTICO E FACTICIDADE NA PESQUISA QUALITATIVA FENOMENOLÓGICA

Para Dilthey, a perspectiva histórica se coloca como a única possibilidade metodológica capaz de conferir seriedade às ciências humanas, pois é nela que a vida se dá. Para ele, o horizonte histórico implica sempre uma hermenêutica particular, ditada a partir das possibilidades dadas em determinado momento, o que é o mesmo que dizer que **hermenêutica é sempre compreensão e interpretação de uma época.**

De fato, a ideia de **compreensão** ocupa lugar de destaque no pensamento de Dilthey. Para ele, compreender é capacidade humana de estar diante do outro numa atitude empática; compreender é poder se colocar no lugar do outro. Ricouer descreve assim a posição diltheyana:

Toda ciência do espírito – todas as modalidades do conhecimento do homem implicando uma relação histórica – pressupõe uma capacidade primordial: a de se transpor na vida psíquica de outrem. No conhecimento natural, o homem só atinge fenômenos distintos dele, cuja coisidade fundamental lhe escapa. Na ordem humana, pelo contrário, o homem conhece o homem (Ricouer, 1977).

A afirmação indica que em Dilthey compreender é atributo humano que nos define e distingue. Segundo Ricouer, essa concepção abre importantes vertentes de pensamento, mas ao colocar o indivíduo como centro de toda a possibilidade de compreensão, Dilthey se apoia quase que exclusivamente nos pressupostos enunciados pela psicologia, e priorizando aquele que compreende se afasta da questão mesma da compreensão e da interpretação.

No seu entender, a capacidade de compreender e interpretar devem ganhar relevo mesmo se o foco da investigação não se detiver naquele que compreende - o que será objeto de crítica tanto de Heidegger quanto de Gadamer.

Segundo Ricouer, com ambos:

...surge uma questão nova: ao invés de nos perguntarmos como sabemos, perguntaremos qual é o modo de ser desse ser que só existe compreendendo (Ricouer, 1977).

A mudança de perspectiva parece sutil, mas traz inegáveis consequências: ao contrário de Dilthey, em Heidegger compreensão não é atribuição humana e sim a própria matéria humana - o modo de ser humano é o modo da compreensão: “*é constitutivo do dasein, como ser, uma pré-compreensão ontológica*” (Ricouer, 1977). Em outras palavras, é fundante do humano uma compreensão anterior a qualquer tipo de análise, reflexão, racionalização. Isso que Heidegger nomeia como pré-compreensão se dá na relação imediata com o mundo e antecede tudo, como uma intuição. Se para Dilthey, compreensão está associada à possibilidade de se colocar no lugar do outro, em Heidegger compreensão nomeia a relação com o mundo: “*Ao mundanizar o compreender, Heidegger o despsicologiza*” (Ricouer, 1977).

O movimento de “despsicologizar” corresponde não só um retorno à questão do ser daquele que compreende, como revela uma verdade essencial: é na pré-compreensão que somos no mundo; é em meio a ela que nos movemos cotidianamente; é nela que estão expressos valores e juízos a cerca do mundo, dos outros, de nós mesmos.

Sendo no mundo, nos é impossível pensar, sentir e atuar descolados dele.

Heidegger e Hursstel, por exemplo, deixam clara a impossibilidade de escapar ao que mundo dita, pois a facticidade dirige nosso olhar, sustenta nossas interpretações, nos faz reagir ao mundo sempre filtrados pela compreensão possível a cada momento.

Conceituado por Dilthey, esse enredamento que direciona nosso olhar e impossibilita a captura do mundo em sua totalidade e de modo isento foi chamado de **círculo hermeneûtico**. Composto pela tríade **situação-compreensão-interpretação**, o círculo se dá na relação dialógica sujeito/objeto, estando ambos implicados um ao outro (o sujeito que conhece o objeto é também determinado por ele). Em linhas gerais, o círculo hermeneûtico indica que todo e qualquer ato humano se dá em uma dada situação, que determina o modo de compreender e interpretar o mundo. Não há portanto como sair do círculo, já que estamos sempre e inevitavelmente imersos num contexto histórico, previamente dado e que nos abarca.

A inexorabilidade do círculo como condição humana aparece aos olhos de Heidegger como uma preocupação tardia, de segunda ordem. Para ele, não importa refletir sobre as possibilidades de escapar ao círculo; o importante é capturar sua estrutura, compreender como se dá ou em virtude de que se dá. Em outras palavras, o importante é identificar que o círculo tem sua estrutura calcada naquilo que chamou de pré-compreensão, ou seja, naquilo que é naturalizado pelo mundo fático e que nos serve de referência no dia a dia.

Para Ricouer, esse modo de ser, quando analisado pelo viés acadêmico, pode levar o nome de preconceito; no entanto, na vida diária é a base sobre a qual nos movemos. É essa base que deve, segundo Heidegger, ser compreendida radicalmente.

A mudança de perspectiva tem impacto direto na abordagem qualitativa fenomenológica, na medida em que espelha seu maior interesse: estar à disposição para captar a maneira pela qual o

pesquisado (ou o segmento pesquisado) descreve sua experiência sobre o tema, abrindo-se para aquilo que lhe acontece. Essa forma de abordagem traz outra perspectiva à compreensão do fenômeno da paisagem, que então se mostra como relação que inexoravelmente se dá, num dado momento, sob determinadas condições, a partir de modos de ser no mundo.

É possível concluir afirmando que, a tentativa de capturar o que desta forma se revela como sentimento de paisagem, seja o principal intuito daquilo que se entende por desenvolvimento da postura de pesquisador qualitativo fenomenológico. No exercício intenso e permanente, exigido do pesquisador, talvez resida o necessário para tornar mais transparente a estrutura pré-compreensiva e fática da relação homem /lugar (ou paisagem).

REFERÊNCIAS

- BARTALINI, VLADIMIR. A Paisagem em Arquitetura e Urbanismo. In: Paisagem Textos I. Organização e produção dos Textos: Vladimir Bartalini. Ed. USP. São Paulo, 2013.
- BAUER, MARTIN W. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Tradução Pedrinho A. Guareschi. Editora Vozes, Petrópolis, 2000
- BERTORELLO, ADRIÁN. Studia Heideggeriana - Heidegger y el problema del método de la filosofía. Teseo Editora, Buenos Aires, 2014
- BESSE, JEAN-MARC. Ver a Terra – Seis ensaios sobre paisagem e geografia. Tradução Vladimir Bartalini. Ed Perspectiva, São Paulo, 2006
- BICUDO, MARIA APARECIDA VIGGIANI (ORG). Pesquisa qualitativa segundo a visão fenomenológica. Cortez Editora, São Paulo, 2011
- CASANOVA, MARCO ANTONIO. Compreender Heidegger. Ed Vozes, Petrópolis, 2009
- CHAU, MARILENA. Convite à Filosofia. Ed Ática, São Paulo, 2005
- CRITELLI, DULCE. História pessoal e sentido da vida. EDUC /FAPESP. São Paulo, 2013
- DARDEL, ERIC. O homem e a Terra: natureza da realidade geográfica. Tradução Vladimir Bartalini. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, 2013.
- DILTHEY, WILHELM. Ideias sobre uma psicologia descritiva e analítica. Tradução Marco Antonio Casanova. ED VIAVERITA, Rio de Janeiro, 2011
- EVANGELISTA, PAULO EDUARDO R. A.(ORG). Psicologia fenomenológico – existencial – Possibilidades da atitude clínica fenomenológica. Editora VIAVERITA, Rio de Janeiro, 2013
- FAU - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de São Paulo.
- PAISAGEMTEXTOS 1. Organização e tradução Vladimir Bartalini. FAU, São Paulo, 2013

FAU - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de São Paulo.

PAISAGEMTEXTOS 2. Organização e tradução Vladimir Bartalini. FAU, São Paulo, 2013

FIGUEIREDO, LUÍS CLÁUDIO
M. Matrizes do pensamento psicológico. Editora Vozes, Petrópolis, 2014

GADAMER, HANS – GEORG. Verdade e Método. Tradução Flávio Paulo Meurer. Editora Vozes, Petrópolis, 2015

GIACÓIA, OSWALDO. Heidegger Urgente. Ed Três Estrelas, São Paulo, 2013

HEIDEGGER, MARTIN. Ser e Tempo. Tradução Márcia de Sá Cavalcante Schuback. Editora Vozes, Petrópolis, 1988

HEIDEGGER, MARTIN. Ensaios e Conferências. Tradução Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Márcia Sá Cavalcante Schuback. Editora Vozes, Petrópolis, 1997

HILLMAN, JAMES. Cidade e Alma. Tradução Gustavo Barcellos e Lúcia Rosenberg. Studio Nobel, São Paulo, 1993

JOEL, MARTINS E MARIA APARECIDA BICUDO. A pesquisa qualitativa em Psicologia – Fundamentos e recursos básicos. Centauro Editora, São Paulo, 2005

LIMA, CATHARINA. MIRANDA MAGNOLI, orientadora. Um processo dialógico e compreensivo de construção do conhecimento. Rev. Paisagem Ambiente: ensaios - n. 21. São Paulo - pp. 73-80, 2006.

POMPEIA, JOÃO AUGUSTO E BILÊ TATIT SAPIENZA. Na presença do sentido. EDUC, São Paulo, 2004

SZYMANSKI, HELOÍSA. A entrevista na pesquisa em educação – a prática reflexiva. LiberLivro, Brasília, 2011

VERGEZ, ANDRÉ E DENIS HUISMAN, História dos filósofos ilustrada pelos textos. Tradução Lélia de Almeida Gonzalez. Livraria Freitas Bastos, Rio de Janeiro, 1984

Capítulo 17

A paisagem como experiência. Abordagem qualitativa fenomenológica e o fenômeno paisagem
Vania Bartalini

